

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2020.v12.12374>

*A decadência da democracia moderna e o seu progressivo convergir com os estados totalitários nas sociedades pós-democráticas espetaculares têm, talvez, sua raiz nessa aporia que marca seu início e que a cinge em secreta cumplicidade com o seu inimigo mais aguerrido. (AGAMBEN, 2002, p. 17-18).*

As democracias, a partir de seus aspectos teóricos e de suas experiências, têm sido abordadas em livros autorais e organizados, em dossiês ou artigos livres. Isso ocorre em razão de vivermos, globalmente, uma série de ataques às democracias, que são realizados por meio da produção de *fake news* e sua circulação massiva, da retirada de direitos, do esvaziamento dos espaços públicos, do ataque a grupos considerados minoritários.

No ano que agora se encerra, a conjuntura transnacional é ainda dramaticamente atravessada pela pandemia do novo Coronavírus, causador da Covid-19. Se a origem é a cidade de Wuhan, capital da província chinesa de Hubei, a rápida transmissão e circulação levou a que, até o fim deste ano, cerca de um milhão e setecentas mil pessoas tenham morrido em decorrência da Covid-19 em cento e noventa e um países. No Brasil, nos aproximamos das duzentas mil pessoas mortas em razão da pandemia. As *fake news* mais uma vez têm sido utilizadas na luta política que cerca a vacinação no país. Assim, o que se observa é a reiteração de uma necropolítica que se estabelece a partir do sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS), do negacionismo em relação à ciência, seja quanto às formas de prevenção ou à vacinação contra o novo coronavírus. Uma política de morte é uma política de esfacelamento da democracia.

O caminho é a intervenção direta dos movimentos sociais organizados e difusos na orientação da democracia no sentido da inclusão dos sujeitos individuais e coletivos que são rechaçados pelas políticas contemporâneas, bem como da efetivação de projetos de sociedade que contemplem a organicidade dos sujeitos no ambiente no qual vivem. Algumas propostas, como aquelas oriundas do feminismo negro e das proposições interseccionais, podem ser percebidas no jogo político que se estabelece.

Deste modo, se, por um lado, vimos a ascensão de governos populistas conservadores que dialogam diretamente ou flertam com o fascismo, de outro, vimos também o enfretamento destes mesmos governos, em distintas experiências. A derrota de Donald Trump nos Estados Unidos da América, a vitória da proposta de modificação da constituição chilena que foi deixada àquele povo como herança da ditadura de Augusto Pinochet, a vitória dos progressistas descolonizadores na Bolívia, são expressões deste enfrentamento e da vitória daquelas e daqueles que se levantam con-

tra os governos mórbidos instalados na última década. Assim, o dossiê **Cultura e Democracia: convergências, conflitos e interesses públicos** tem foco em reflexões sobre as democracias problematizando os debates intelectuais sobre o tema, bem como as instabilidades políticas e os entendimentos que os diversos sujeitos históricos tiveram e têm sobre a ação democrática no espaço público.

Podemos considerar as proposições de Achille Mbembe (2018), quando afirma que o ápice da soberania é a construção de normas sociais por um corpo composto por mulheres e homens livres, capazes de autoconhecimento, autoconsciência e autorrepresentação. Deste modo, a política se apresenta como um projeto de autonomia e, ao mesmo tempo, como a realização de um acordo por uma coletividade, fruto da comunicação efetiva e do reconhecimento dos sujeitos. Há várias maneiras de acessar o debate sobre o tema. A escolha dos organizadores para a discussão foi principalmente a forma como as representações de democracia se fazem presentes no campo das linguagens. Assim, para além de pensar a relação dos sujeitos históricos e as experiências democráticas, as autoras e os autores se dedicaram a refletir sobre o tema a partir do teatro, do cinema e da arte em geral.

Além da organização do dossiê **Cultura e Democracia: convergências, conflitos e interesses públicos**, Rosângela Patriota Ramos, Thaís Leão Vieira e Rodrigo Freitas Costa ainda entrevistaram a historiadora Maria Helena Capelato, cujo resultado compõem essa edição. A seção de artigos livres conta com trabalhos de Natália Cristina Granato sobre o Partido Democrático Nacional entre os anos de 1927 e 1929; de Tarcisio Binoti Simas, Sônia Azevedo Le Cocq Oliveira e Carlos Mavíael Carvalho sobre a gentrificação do Bairro do Recife nos anos de 1980 até 2010; e o de Valmir Moratelli sobre as representações do trabalho na velhice a partir das personagens idosas da telenovela **A dona do pedaço**. A seção Princípios conta com o artigo escrito por Francisco Adriano Leal Macêdo e Fábio Leonardo Castelo Branco Brito sobre as interlocuções entre Júlio de Mesquita Filho, Darcy Ribeiro e Paulo Duarte, no período compreendido entre o final da década de 1930 até fins dos anos 1970. Sergio Schargel e Edvaldo Correa Sotana são os responsáveis pelas resenhas deste número de **albuquerque: revista de história**.

Esperamos que este número possibilite reflexões e seja objeto de leituras agradáveis ou necessárias.

Aguinaldo Rodrigues Gomes  
Miguel Rodrigues de Sousa Neto  
editor@s

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2018.